

### 3. BALEIA

*“o ouvido da baleia é tão curioso quanto seus olhos. Se você está inteiramente alheio a sua raça, você poderia persegui-lo nessas cabeças por horas a fio e nunca descobri-lo. O ouvido não tem nenhum lobo externo; e dentro do próprio buraco você mal consegue fazer passar uma pena, tão incrivelmente diminuto ele é. Está localizado um pouco atrás do olho (...) Não é curioso que um ser imenso quanto a baleia veja o mundo com um olho tão pequeno, e escute o trovão com o ouvido menor do que o de uma lebre? Mas se seus olhos fossem tão grandes quanto as lentes do grande telescópio de Herschel; e seus ouvidos tão amplos quanto os pórticos das catedrais; teria por isso um alcance maior da visão ou ficaria com o ouvido mais apurado?*

*(Herman Melville – “Moby Dick”)*

A Baleia mais solitária do mundo.

Alguém me contou sobre ela. A Baleia mais solitária do mundo, me disseram, é surda.

\*\*\*

William Watkins, um dos pioneiros no campo da bioacústica de mamíferos marinhos, descobriu um sinal singular no Pacífico Norte, em 1989. O sinal foi capturado por hidrofones<sup>15</sup> da marinha norte americana; instalados no oceano durante a segunda guerra mundial para um projeto de monitoramentos submarino. Com o fim da guerra fria, os militares abriram acesso a este equipamento para algumas instituições científicas. Watkins fazia parte de uma delas, a *Wood Hole Oceanographic Institution*, de Massachusetts. Através dos registros capitados pelos hidrofones, ele logo percebeu que o sinal identificado correspondia ao canto de uma baleia. O que chamou sua atenção foi a vocalização da música, em frequência totalmente imprevista. Watkins continuou acompanhando o animal. Anualmente, durante um período de doze anos. Percebeu que seu canto era sempre registrado entre os meses de agosto e setembro, seguindo até a distância máxima de alcance dos hidrofones, entre janeiro e fevereiro. As notações indicavam uma sazonalidade e padrões migratórios muito similares aos de uma baleia azul; sendo que a frequência do canto não coincidia com a da espécie, chegando a dobrar de valor ao atingir 52 hertz (Hz).

Ao que parece, este número não é tão insólita para uma baleia. O extraordinário está em sua incoerência com o comportamento assinalado. Para compreender, minimamente, é importante que se saiba que os cetáceos – mamíferos aquáticos – se subdividem em dois grupos:

Os mysticetos, (baleias “verdadeira”), conhecidas como baleias barbadas, possuem barbatanas córneas no lugar dos dentes. Finas cerdas feitas de queratina, que tem a função de filtrar alimentos. São animais de maior porte e dispõem de dois orifícios

---

<sup>15</sup> O hidrofone é um equipamento utilizado para captar vibrações sonoras transmitidas através de meio líquido. Depois de registrar a frequência do som, ele a transforma em sinais elétricos.

respiratórios. Seu canto costuma vibrar em frequências mais baixas, e sua escuta também capta melhor essas frequências. Ex. baleia azul e jubarte.

Os odontocetos possuem dentes e apenas um orifício respiratório. Além de apresentarem um sentido a mais, chamado de ecolocalização. Sua vocalização vibra em frequências mais altas, e sua escuta potencializa-se nessas frequências. Ex. orca e beluga.

A Baleia 52 Hertz<sup>16</sup> desperta a curiosidade da comunidade científica pela “desafinação” do canto, que contorna a genealogia. Embora apresente um comportamento similar ao de uma baleia azul, ela vocaliza em uma frequência próxima a de um odontoceto. Supõem-se que seja um híbrido, originado do cruzamento de espécies distintas; tendo acumulando características correspondentes a cada uma delas. Isso parece razoável. Outra hipótese considerada é de uma má formação genética (justificativas para conduta destoante).

As baleias são animais extremamente sociáveis. Comunicam-se pelo canto e costumam nadar em bando. Este dado intensifica os questionamentos em torno da 52 Hz. Ela, sempre quando registrada, encontra-se sozinha. Padrão que não coincide com o comportamento natural de um cetáceo. Quando seu caso foi amplamente divulgado pela mídia<sup>17</sup>, a repercussão foi grande. A Baleia ganhou o título de “mais solitária do mundo”. Pessoas, extremamente sensibilizadas, começaram a tecer suposições a respeito da causa de seu isolamento. Se essa Baleia canta em uma frequência diferente, será que as outras podem ouvi-la? Ou ainda, se ela não se aproxima para o convívio com sua espécie, não seria esta uma evidência de surdez?

Descarta-se a possibilidade dela não ser ouvida por outros cetáceos. A frequência de seu canto encontra-se entre os limites auditivos de uma ampla variedade de mamíferos aquáticos. Sobre a sua própria surdez, nada pode ser afirmado. Ao longo de todos esses anos de monitoramento, muitas gravações já foram realizadas, mas, de fato, a Baleia nunca foi vista. Nenhuma conclusão a seu respeito pode ser definiti-

---

<sup>16</sup> Quando me referir à Baleia 52 Hertz, farei uso da letra maiúscula.

<sup>17</sup> Em 2004.

va, ela não foi capturada. Lacunas abrem espaço para enxertos narrativos.

Os fortes indícios que apontam a proximidade da Baleia com a estirpe azul destacam algo curioso. É que a vocalização desta espécie costuma produzir as mais baixas frequências conhecidas – considerando todo o reino animal. A maioria de seus sons são modulados entre 16 e 25 Hertz. Níveis extremamente graves. O ser humano, por exemplo, só consegue acessar vibrações entre 20 e 20.000 Hertz, tendo seu melhor potencial entre 1.000 e 5.000 (limite que ainda diminui com o envelhecimento). Fronteiras demarcam e nomeiam o que o aparelho auditivo humano é incapaz de alcançar: acima dos 20.000, sons ultrassônicos; abaixo dos 20, os infrassônicos. E é nessa zona baixa que se encontra grande parte da vocalização da baleia azul. Perceba. Se a 52 Hz for realmente desta espécie, ela torna possível o acesso auditivo humano à vocalização do animal de maior porte do mundo (até onde se tem notícia). A Baleia atravessa a fronteira aquática e a os limites infrassônicos. Dentro dos padrões, isso só seria possível com o auxílio de equipamentos.

Ela chegou tão próximo do ser humano. Rapidamente foi capturada pela ideia existencial de isolamento. Antropomorfizada; ao tentar compreendê-la de um olhar agudo, de uma frequência onde ela não pode ser ouvida, o homem naturalmente limitou a Baleia a sua noção restrita de organismo. Transferindo sua solidão. A Baleia chegou tão próximo do ser humano, e ele ainda parece tão distante dela. A eterna busca pela clareza, uma característica da nossa espécie. Mais cedo ou mais tarde, surgiria algum movimento de busca à Baleia. Sintonizado à necessidade de informações mais precisas, o documentário “Finding 52”<sup>18</sup> registra uma expedição científica de 20 dias à procura do animal. Curiosamente, apesar da insistência, a Baleia se mantém invisível. Repetindo esse canto desajustado. Que apesar de audível, não parece ser ouvido. Surdez dos ouvintes, um caso não raro.

\*\*\*

A água não é meio favorável a condução da luz. Quanto maior a profundidade da submersão, maior a sombra. As baleias, as raias, as lulas nadam no escuro. O que

---

<sup>18</sup> O documentário “Finding 52, escrito e dirigido por Joshua Zeman, foi lançado em 2016.

faz a visão ser pouco estimulada no fundo do mar. Outros sentidos são convocados. O meio aquático potencializa a propagação do som. Sua velocidade na água alcança entorno de 1.522 m/s; já no ar, fica em aproximadamente 344 m/s. Mas esse cálculo não é simples. A velocidade do som não é um valor constante. Na água, ela sofre influência da temperatura, da pressão, da salinidade. Embora essa variação não seja efetivamente tão grande, seus efeitos são significativos. Certo é que o abismo é um lugar de muitos barulhos e pouca clareza. Quando a Baleia foge aos nossos olhos e sintoniza em nossa frequência, ela nos propõe uma relação de submersão. Uma relação de escuta escura. E a frequência do canto, ainda baixa para os ouvidos humanos, solicita atenção. Voltar-se inteiramente para o ouvir. Submergir. Experimentar o mergulho. No raso, claro, a Baleia encalha. Que distância seu canto percorreu enquanto buscamos, sem êxito, ancorá-lo?

A distância que o som viaja é um dos principais fatores para o cálculo de sua frequência. Ele começa a partir de uma vibração que se propaga como onda num meio material (sólido, líquido, gasoso). E a frequência é dada pelo número de oscilações por unidade de tempo<sup>19</sup>. O ponto mais alto da onda é a crista, o ponto mais baixo o vale. O comprimento da onda mede a distância entre duas cristas consecutivas (ou dois vales). Num mesmo meio de propagação, a onda de maior comprimento terá a menor frequência. Quanto maior o comprimento, maior será sua velocidade<sup>20</sup>. Sons de baixa frequência demoram mais do que os de alta para serem absorvidos e, por isso, mais longe viajam. No entanto, são nas baixas frequências que o nível de ruído ambiente aumenta. De maneira que para ser audível, o som precisa dilatar sua amplitude, sua intensidade.

A amplitude de uma onda está diretamente relacionada à quantidade de energia que ela transporta. Observe uma onda oceânica. Mais alta será quanto maior for sua amplitude. O atrito do ar com a superfície marítima transfere energia para a água, perpendicular a direção do vento. As ondas são essas perturbações que transportam energia. A energia define a altura da onda. Invisível. Se pudéssemos enxergá-la, tal-

---

<sup>19</sup> No Sistema Internacional de Medidas (SI), a unidade do período é o segundo; e a unidade da frequência é o ciclo por segundo, denominado hertz (Hz).

<sup>20</sup> A velocidade do som também varia de acordo com as condições do meio em que ele se propaga.

vez se parecessem com as garras daquela grande onda de Kanagawa<sup>21</sup>. Ondas com unhas brancas, grandes e curvas. Como mãos que agarram, que escalam relevos. A energia é como a garra da onda, o que a faz querer crescer, ultrapassar a altura de um monte. A onda sonora também. Transporta energia, também invisível. A própria onda não pode ser vista. Percebida, se não pelo olhos pelos ouvidos. Se não pelos ouvidos, como a Baleia: que evita qualquer aparição, dado o corpo ao submerso. Seu encontro solucionaria algumas dúvidas. Mas a Baleia ainda escapa. Assistida por ruídos, seguida por radares: o canto permanece em monitoramento durante todo o tempo em que matriz de hidrofones consegue captá-lo. Mesmo com seu afastamento. Ele sai da zona infrassônica – o bastante para ouvirmos, o suficiente para não perder o fluxo ágil das baixas frequências. Sua vocalização carrega muita energia. Significativa a interferência, pode-se dizer que a Baleia grita. Cheia de garras. Principalmente na superfície. No contato humano, na clareza onde ruídos não podem ser mensagens, apenas sujeiras.

Nessa interferência entre meios de propagação, o discurso civilizatório da singularidade engole o leviatã. Sua solidão é romantizada; pela incapacidade de perceber as pluralidades dos desejos e comportamentos. A solidão é narrada por um conjunto de ideias rígidas e organismos fechados: “a Baleia mais solitária do mundo”. Por não ter espécie, por desviar da matilha. Na frequência do canto que não pertence. Mas que, por isso, chega à superfície. A Baleia encaçada é conduzida à borda<sup>22</sup>. Asfixiando o desvio. Efeito concha patologizado. Uma baleia não pode ser náutilo. Flutuar, não pode. Ocorre então uma manifestação próxima ao fenômeno conhecido como Espiral do Silêncio<sup>23</sup> – oposta à espiral da Concha, uma de suas tantas distorções: estabelecida a predominância de uma opinião coletiva, os que não estiverem em consonância, pelo receio do isolamento, poderão optar pelo silêncio. No caso não específico da 52 Hz, a espiral foi silenciada. A solidão determinada. Identificado com a Ba-

<sup>21</sup> “*A Grande Onda de Kanagawa*” é uma xilogravura que compõe as “*36 vistas do monte Fuji*”, uma série de quarenta e seis gravuras criadas por Katsushika Hokusai. Cada uma das gravuras retrata o monte Fuji em uma perspectiva diferente.

<sup>22</sup> “ (...) a borda é definida, ou duplicada por um ser de uma outra natureza, que não pertence mais à matilha, ou jamais pertenceu, e que representa uma potência de outra ordem, agindo eventualmente tanto como ameaça quanto como treinador, *outsider*..., etc. Em todo caso, não há bando sem esse fenômeno de borda, ou anômalo.” (DELEUZE & GUATTARI, *Mil Platôs. Vol.4*, 2012: 29).

<sup>23</sup> (NOELLE-NEUMANN, 1995).

leia, o homem não pode lidar com a possibilidade da exclusão. Logo define a condição trágica do animal, apiedando-se de si e da impossibilidade de um desvio “positivo”. A narrativa é construída em perspectiva uniforme, coerente à manutenção de modelos de existência hierárquicos.

Pensemos nessa espécie, a humana. Que recorta e batiza os limites extremos alcançados por sua audição; constatando uma infinidade de ruídos não capturáveis pelo seu aparelho auditivo. Consciência do invisível existente, das escutas plurais. Num paradoxo sintomático com o silenciamento dessas zonas inacessíveis e dos que nadam através dela. Marcando território sonoro, denominando o que se pode ouvir, o que não se pode e o que é surdez. Silenciamento das bordas, do que sobra ao alcance do limite. Como escutar o invisível? A energia da onda. Percepções extra humanas, reveladas na ausência do restrito, da fronteira. O canto das baleias azuis percorre zonas da quais não temos acesso. Aparentemente, a 52 Hertz também não. Do mesmo modo, não consegue captar a frequência em que cantam. Coexiste a hipótese das azuis também não ouvirem a frequência 52. Baleias, ainda assim, ouvintes. Infinitas zonas separam o que se ouve do ouvir. Tantas frequências quanto escutas. A surdez como ponto de vista, o quê pode defini-la se não apenas um padrão de referência auditiva? E se mudarmos a referência? Se deslocarmos a fronteira, para onde nada a surdez?

Proponho um mergulho em busca da Baleia. Sem intensão de avista-la ou fazer taxonomia; mas devir num abismo sem divisas através da experiência da escrita<sup>24</sup>. Despensar<sup>25</sup> a noção restrita de surdez através da paisagem submersa embaçada. Um mergulho desvinculado do programa fenomenológico, que experimenta a pesquisa intuitiva, no escuro da ausência que estimula outros perceptos. Mergulho na Baleia<sup>26</sup>. Para encontra-la, “habituar-nos ao inabitual, já que não podemos habitar o inabitável”<sup>27</sup>. Na falta da clareza atmosférica, na ausência que revela outras frequências. Anunciadas pelo zumbido da concha. Escondidas como a energia, na onda – quanto

<sup>24</sup> “(...) escrever é um devir, escrever é atravessado por estranhos devires que não são devires-escritores” (DELEUZE & GUATTARI, *Mil Platôs*. Vol.4, 2012: 21).

<sup>25</sup> Aqui utilizo o prefixo de negação associado ao verbo “pensar” na intenção dar continuidade ao diálogo com Eduardo Viveiro de Castro e o que ele chama “descolonização permanente do pensamento”.

<sup>26</sup> Neste trecho evidencio meu desejo de experimentar a proposta de mergulho utilizada por Flusser em “Vampyrotheuthis Infernalis”: “mergulhando no vampyrotheuthis” (FLUSSER, 2011: 60).

<sup>27</sup> (FLUSSER, 2011: 65).

maior a energia, maior a onda. As grandes costumam avançar pela praia; borrando a linha de areia, revelando buracos de tatuís.

As frequências humanas, sintonizadas ao pensamento, consolidam-se na figura de um sujeito. Condicionado, diretamente à estruturas rígidas e à relações de poder. Para mergulhar na Baleia, primeiro, é preciso criar distância desses estratos. Alargando finas rachaduras que porventura rompam nesse corpo ainda cartesiano. Deixando que as relações submerjam pelos fluxos de intensidade: eis o inabitual, mergulho atmosférico. Aquilo que a surdez também revela; guardado nas camadas do limite, nas colônias do organismo. Subjetivar uma baleia que flutua parece um contrassenso. Ironicamente, é o próprio pensamento que identifica a incoerência. A questão aqui não se refere à racionalidade, mas à sua hierarquia. Descolonizar e redistribuir os fluxos para o mergulho, essa é a tentativa. Avançar até o abismo.

Talvez a maior urgência seja desvincular a Baleia da condição de solitária. Título quase inevitável, considerando que toda a evolução da vida mamífera foi marcada por uma grande inclinação à socialização. No que se refere à humanidade, instintos sociais respondem sim por alguns status. Não necessariamente vantajosos. Isso explica as justificativas clínicas dadas a uma baleia que nada sempre distante do bando. O mar não parece ser suficientemente grande, tal qual o diagnóstico. Ou é a Baleia que não poderia ser tão suficiente. Segue nadando, em sentido oposto ao vínculo pela descendência, como um híbrido. A filogenia se compromete com muito passado. É verdade. Todo animal, antes de tudo, deve ser sua espécie e suas características<sup>28</sup>. A Baleia fissa o pacto, desmarcando geografia genealógica. Caminho sem mapa. Ausência presente: novas escutas. Novo Mundo.

\*\*\*

Oceanos ocupam, aproximadamente, 71% da superfície do planeta. Já é muita coisa sem nem mensurar proporções submersas. O abismo chega a 10 mil metros de profundidade – a maior altitude continental é de 8 mil metros. Incontáveis possibili-

---

<sup>28</sup> “(...) a Natureza é concebida como imensa mimese: ora sob forma de uma cadeia de seres que não cessariam de imitar-se, progressivamente ou regressivamente, tendendo ao termo superior divino que todos eles imitam como modelo e razão de série, por semelhança graduada; ora sob forma de uma Imitação em espelho que não teria mais nada para imitar, pois seria ela o modelo que todos imitariam, dessa vez por diferença ordenada...” (DELEUZE & GUATTARI, *Mil Platôs. Vol.4*, 2012: 14).

dades desconhecidas de agenciamentos para uma Baleia sem espécie. E mesmo que ela berrasse de prazer no gozo do encontro com as pontas de uma anêmona, não a ouviríamos. A surdez dos ouvintes é como o próprio solo continental: um grande acúmulo de sedimentações oceânicas passadas, memória funcional, escuta fóssil. A surdez dos surdos é solo de mar. Sem ancestralidade. Involuntiva<sup>29</sup>. Não se trata aqui de um elogio à surdez. Não à surdez que conhecemos. Talvez uma outra. A que pode se referir a uma escuta sem memória, sem compromisso com sua função. Despreocupada com as especificidades humanas, e também com qualquer singularidade. Uma surdez sem espécie, cuja escuta não pode ser determinada por uma única referência auditiva, nem por um único órgão.

Essa escuta não sedimentada, na Baleia, reflete-se para fora desse corpo imenso, tão despreocupado com a pré-história de sua carcaça. O mar à frente vira qualquer coisa outra que não conhecemos, nem nunca poderíamos; não sem antes mergulhar na Baleia. O animal desperta pelo fluxo das intensidades. Peixe, raia, plâncton, bolha, gaivota. Náutilo. A Baleia engole uma concha. Todo seu corpo imenso num contorcimento sendo arrastado pela espiral ao útero de uma não-espécie, até finalmente ser cuspidado para fora pelo seu próprio jato d'água. Respirando na superfície emancipada. Neste ponto, nenhum comportamento natural aos cetáceo orientará a Baleia. Ela está na borda. Onde o natural parece demasiado determinante e específico. Leve mais uma vez a concha aos ouvidos. Perceba a presença do mar. Tente ouvir seus ruídos, agora, sem o peso da ancestralidade.

O efeito concha rompe os limites auditivos demarcados por números e abre território para outras frequências, onde estão as coisas que não tem nome. A Baleia-náutilo, em seu headphone-concha, escutas – sons submersos. “Ambientes são tanto espelho do organismo, quanto o organismo é espelho do ambiente”<sup>30</sup>. Então o corpo naufraga. Inversão dos meios. Instabilidade tectônica. Rachaduras revelam presenças aterradas, detalhes velados. Imagine um bando de baleias. Imagine todas cantando. Talvez a 52 hertz prefira a companhia de outros corais. Da cor, ou quem sabe dos recifes. Talvez seja mesmo só uma preferência. Grupos polifônicos nem sempre pare-

<sup>29</sup> “(...) a involução é criadora” (DELEUZE & GUATTARI, *Mil Platôs*. Vol.4, 2012: 19).

<sup>30</sup> (FLUSSER, 2011: 65).

cem acolhedores: é recorrente o predomínio da falta de escuta – conheço este cenário. A surdez do ouvinte é muito comum na espécie humana, sobretudo no macho. Assim como a Baleia, optei pelo reajuste das companhias. Tenho preferido encontros que somam duas a três pessoas. A casa estabeleceu-se como o lugar favorito para reuniões. Apesar dessa surdez não ser exclusividade das circunstâncias populosas, tenho a sensação de que dentro da concha, no íntimo, tudo parece menos afobado e mais presente. O diálogo corre menos risco do monólogo e a escuta do desinteresse – embora não garanta imunidade. Inevitável o reajuste das companhias. Não tenho tido muita paciência para a surdez falante. Talvez aconteça o mesmo com a Baleia. Talvez seja diferente.

Em meu caso, o afastamento do bando não foi simples. A multidão tem mesmo muita força e você quer estar ali, no meio. Aos poucos me percebi insistindo numa força centrípeta que, inevitavelmente, me arrastava de volta à borda. Eu, tentando fazer parte sem nem sempre conseguir partilhar. A margem não parece mesmo ser a melhor localização. E adentrar pode ser doloroso. É como um vômito engolido. Inevitavelmente indigesto. Tentei sair. Mas também não coube entre os surdos. Marginal ao centro, dominante na periferia. Nem um, nem outro. Exatamente na interseção, cruzando e afundando as duas bordas. Uma espiral, sem margem. Criando novos espaços e não se fixando a nenhum. Fronteiras moveáveis! Nada poderá ser igualmente compartilhado, nada impede a partilha<sup>31</sup>. Isso parece um alívio.

Penso sobre os cetáceos e sobre como o tempo todo estão cruzando fronteiras. Mamíferos que optaram pela água e pelo trânsito. Mergulhos fundos que retornam à superfície para reabastecer o fôlego. Novamente submergindo, coabitando os dois meios. Penso sobre o mar, sobre sua superfície líquida, visível e atravessável. Sobre como gosto de boiar e também de furar ondas. De colecionar maneiras de cruzar fronteira líquida. Penso na Baleia, que atravessa ainda submersa, ainda invisível. Dissol-

---

<sup>31</sup> Faço referência à noção de “partilha do sensível”, sustentada pelo filósofo Jacques Rancière. A grosso modo, ele pensa partilha em seus dois sentidos, de corte e de junção, para abordar um comum capaz de ser partilhado por todos. Repenso essa abordagem através da noção de “Corpos Hipersensíveis” de Evelyne Grossman: e o que não é e nem pode ser comum? O que acontece quando a construção política simbólica falha em seu desejo de partilha? Penso que enquanto for fixado um comum, não haverá espaço para as bordas. Segundo Evelyne, o hipersensível seria como o explorar das “novas paragens sutis das modernas desidentidades, suas estruturações flutuantes, plásticas”; “o hipersensível tenta justamente nomear a intensidade de uma vulnerabilidade comum”.

vendo tensão superficial com ondas sonoras. Ondas cheias de amplitude. Gigantes. Penso na loucura dos mamíferos marinhos que afogaram seus pulmões. Escolhendo o caminho mais longo para a tomada de ar. Ser surdo me parece isso, o caminho mais longo para a escuta. O caminho do percurso e do trânsito. Uma Baleia surda poderia ser um pleonasma. Ou pura insistência. No risco, no instável. Ela não quer ser espécie e seu ouvido também não.

\*\*\*

A essa altura, o nível do mar subiu. Minha cabeça submersa e os pés já não alcançam o chão. A água entrou pelo buraco do ouvido. O solo sedimentado do labirinto infértil vira oceano; escuro, barulhento, vivo. O zumbido ainda prevalece. Ouço a Baleia. Nosso encontro é íntimo. Mergulho dentro dela na tentativa de compartilhar o escondido. Escrevo sobre a experiência nas linhas de sua barriga pautada. A água apaga tudo. Se não apaga, mancha. Se não mancha, turva. Aí está o invisível, aquele lugar das coisas sem nome. Choro, um pouco surpresa. De repente lembro que ainda estou continente. Meus papéis boiam encharcados. A água faz um furo na folha, branca. Deixando só a metade de algumas palavras. Eis o caminho da ida e do retorno. Buraco do abismo.

